ANNO I — S. João d'El-Rei, 25 de Outubro de 1885 — N. 6.

O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno .... 6$000
Semestre..... 3$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FÓRA
Anno...... 6$000

Escriptorio e officinas — Rua do Duque de Caxias, 54

SUMMARIO

Rio Branco e Saraiva; Traducção; O correio; Magdalena, *Alfredo Galli*; —Mors-amor, *Anthero do Quental*; —Pochades, *Raphael Junior*; —Os insectos de um dia, *C. M.* — Eu e tu, *José Braga*; —Em que param as modas; Sobre a meza; Conselho, soneto, *Arthur Azevedo*; — Morte ao tempo, *Tong Keng-Sing*; — Correspondencia; Salvação, *Dr. Réclame*; Annuncios.

O DOMINGO

S. João d'El-Rei, 25 de Outubro de 1885.

Rio Branco e Saraiva

Dignando-se de attender ao appello que, no nº. 4 de nossa folha, fizemos a seu elevado adiantamento intellectual, o *Provinciano* de 15 do corrente, em um brilhante artigo sob a epigraphe—*O porque* — dá-nos as razões que determinaram o desaccordo, antecedentemente manifestado, entre o seu e o nosso modo de pensar sobre os dous projectos — Rio Branco e Saraiva.

Cumpre-nos, porém, declarar que de modo algum destruio o illustrado collega os nossos argumentos, servindo-se mesmo, em uma parte de seu artigo, de expressões que qualificam de immensamente atrazado o projecto Saraiva; pois outra cousa não se pode concluir do seguinte periodo:

«É fóra de duvida que o projecto Saraiva ao pé do do immortal estadista que fez-se o palladio da libertação dos escravos n'este paiz, em torno do qual gravitam todos os que querem marchar para a frente, *faz a figura de um pobre ratinho ao pé de alterosa aguia.*»

Não equivalem estas expressões ao que dissemos em nosso artigo sobre o assumpto de que tractamos: — .... *a solução que se procurou dar ha 14 annos tem a primasia sobre a que se discute actualmente.* »?

Ser chamado um estadista para resolver um problema sociologico, cuja solução preoccupa o espirito de todos os brasileiros; achar-se em face de circumstancias tendentes a auxilial-o na organisação de uma reforma que satisfizesse a vontade nacional, e apresentar-nos um projecto que pode ser qualificado de tal modo, estabelecendo-se entre elle e o de 28 de Setembro um termo de comparação, que eleva o segundo ao mais elevado gráu de adiantamento e nivela o primeiro ao que ha de mais humilde e mesquinho!

Alterosa aguia, o que se fez ha 14 annos, quando a idéa da libertação dos escravos encontrava resistencia insuperavel na maioria dos brasileiros!

Pobre ratinho, o que se faz hoje que a escravidão é denominada—o *cancro roaz*— e que a iniciativa particular demonstra claramente ao Governo que a propaganda abolicionista encontra o mais enthusiastico apoio em todos os pontos do Imperio, do que dão eloquentes provas as provincias que se libertaram e o sem numero de libertações que se succedem constantemente!

Para que um projecto de lei deva ser julgado tão severamente é necessario que tenha sido elaborado por um espirito atrazado, ou que seja o fructo de sentimentos inconfessaveis; taes são os que têm por base um interesse immediato em uma questão que se procura decidir.

Para attenuar, porém, a severidade de seu juizo, accrescenta o collega:

«Mas deve convir o collega que a crise que atravessamos não comportava lei mais adiantada que a de 28 de Setembro. Mais adiantada mesmo do que essa, que eternisou o nome de Paranhos, seria a libertação immediata.»

Estabelecido e aceito o principio, que é a idéa capital da lei — Rio-Branco —, de ser o escravo um homem cujo coração tambem pulsa sob a influencia do sentimento da dignidade, não era de esperar-se que a lei Saraiva o respeitasse, deixando de conter disposições que o revogam?

Tornando-se mais e mais favoraveis as circumstancias, que se oppunham ao triumpho da grandiosa idéa da redempção dos escravos, não poderia o conselheiro Saraiva, aproveitar habilmente o caminho aberto pela palavra auctorisada de oradores e jornalistas distinctos, cuja pureza e sinceridade de intenções tem a garantia em seu caracter illibado, organisando um projecto de reforma, que não denunciasse a ossificação das fibras do coração de quem o elaborou?

A libertação dos escravos sexagenarios, que pelo trabalho têm

dado quantia superior áquella que foi seu preço no mercado, não seria uma questão de justiça, mormente considerando-se que no meio desses milhares de infelizes ha muitos que são livres de direito, por terem sido importados depois de promulgada a lei de 1831?

A lei, que determinasse a libertação immediata, attentas as condições em que se acha o paiz, como nol-o faz ver o collega, não seria mais adiantada que a de 28 de Setembro, porque sacrificaria uma nação inteira em beneficio de uma classe.

Não somos utopistas para que sonhassemos este desenlace; mas nos repugnam os meios empregados hoje para se resolver um problema cuja solução foi tão brilhantemente iniciada ha 14 annos.

Accusa-nos o collega de termos considerado a questão do elemento servil através do prisma do sentimentalismo; e quem ha que, reflectindo sobre a longa serie de martyrios que ha seculos affligem a raça escrava, não deixe falar mais alto o coração do que a razão?...

Não foi, falando ao coração dos brasileiros, pintando-lhe o quadro de milhares de homens fazendo a travessia do Atlantico, acorrentados no fundo do porão dos navios e separados depois, ao pisarem o solo brasileiro, que Rio Branco conseguio triumphasse seu projecto?

As leis vigentes do paiz auxiliaram-no de algum modo na empreza titanica a que se dedicou este Benemerito da Humanidade?

Em que pese ao collega, concluiremos, repetindo ainda que a formula do progresso — *Le monde marche* — é desmentida pela lei *Saraiva*, que, ao contrario do que se observa em todos os projectos de reforma, não tem a feição da epocha, em que foi feita, pintando-nos aos olhos dos paizes civilisados como uma população de barbaros.

Traducção

TEMOS a grata satisfação de inserir hoje nas columnas d'*O Domingo* a mimosa traducção de um interessante artigo de escriptor francez, devida á penna de uma nossa jovem conterranea muito modesta, intelligente e estudiosa.

O Correio

Nós sabemos que elle é *pessoa* muito capaz, e mesmo... capaz de tudo, e não vimos aqui accusal-o perante a opinião publica, esse tribunal tão aproveitado pela chapa e tão menospresado pelas repartições publicas — todas deste paiz. — Não o fazemos por duas razões.

1ª — Por que não temos esperança lá muito grande de vel-o no bom caminho;

2ª — Porque desejamos lançar mão de outros meios para obter-lhe as boas graças.

Podiamos affirmar aqui, por exemplo, que elle é deshumano como um... partido que sobe, ligeiro como uma tartaruga... que desce, um madraço, um filante de jornaes, e algumas cousas mais agradaveis ainda. Porem, Deus nos livre de repetir estas palavras! Era capaz de brigar comnosco, o monstro, e então estavamos bem arrumados! Não lançaremos mão tampouco da caveira de barro do sr. Martinho Campos, (salvo seja!) que parece continuar a existir, pois não queremos por forma alguma attrahir sobre nós a colera do vingativo gigante postal.

Sopitemos os impetos da revolta, embora justa e afaguemos o bicho. Procuremos ver com uns carinhos harmoniosos se elle se resolve a ser mais cuidadoso, mais digno, mais honesto. Já vais ficando velho, Correio. É tempo de restaurar teus creditos compromettidos.

Diz-nos a *Distracção* o seguinte no seu numero 54:

« — Chegou-nos agora, quasi por um acaso, o n. 4 do *Domingo*, excellente revista litteraria que se publica em S. João d'El-Rei.

A' margem o collega chama-nos mãos, porque nem siquer dissemos que tinha apparecido.

Mas, pelo amor de Deus!

Só agora é que o vemos, collega, e vemol-o com muito prazer!

Se tivessemos visto o primeiro numero, com toda a certeza que teriamos noticiado o seu apparecimento aos nossos milhões de assignantes.

O correio, porem, não quiz que cumprissemos tão grato dever, visto que não nos trouxe os primeiros numeros.

Mau é elle, o correio, porque não nos deixou apreciar os bellos artigos que os tres numeros deviam trazer, a julgar pelo 4º.

Em todo o caso, o podermos ler um unico numero que seja da elegante e primorosa revista dos nossos talentosos e laureados collegas Jorge Rodrigues e José Braga, já é uma consolação.

Antes pouco do que ... não ler o *Domingo*. »

— Quem bifou o 1º, 2º e 3º numeros, que foram remettidos para os collegas da *Distracção*?

Sempre é muita a distracção do amigo correio.

Realmente!

Magdalena

REINAVA então naquelle esplendido *boudoir* um silencio mysterioso, apenas quebrado pelo cadenciado tic-tac da pendula de Wamber collocada sobre o fogão.

A luz coava-se atravez dos riticulos do tecido das cortinas, e espargia-se na meia penumbra rosada daquelle pequeno aposento quente e macio, onde se respirava uma atmosphera secca, recamada de invisiveis crepusculos de yang-lang e velontine.

Aos lados do fogão, viam-se dois enormes vasos de porcellana negra com arabescos cor de laranja, representando deuses e caracteres

egypcios, de dentro dos quaes sahia a haste aprumada e escura dumas raras plantas exoticas.

No verde polido das folhas extensas, e agudas como o ferro duma lança, nesse verde incommodo á vista pela inalteravel pureza da sua nitidez, a luz punha tremulações irisadas, e nos bordos da folhagem uns microscopicos effeitos de optica, bordavam longas fieiras de diamantes quasi imperceptiveis.

No solo espreguiçava-se um fofo tapete de Smyrna, de cores brilhantes e vivas como os impetos ardentes dos grandiosos emires. Distante, um grande espelho de crystal com moldura de prata onde o cinzel dum gravador habil tinha recortado anjos [illegible] asticas. Nas paredes, pequeninas étageres de marmore branco com figurinhas de biscuit, copias dalgumas esculpturas premiadas em exposição e, mettido numa grande moldura dourada, um pequeno original de Corbet que só por si valia mais que todas as brilhantes bijouterias alli accumuladas. Ao fundo do quarto ostentava-se o grande leito de Magdalena, de ebano riscado com incrustações de prata e marfim, envolto nas pregas subtis das longas cortinas de cassa, que desciam do docel de seda azul constellado de estrellas de ouro.

Dos lados do leito duas enormes pelles de tigre com as cabeças embalsamadas, e os olhos redondos e amarellados a faiscarem na meia sombra do aposento, espreitavam presas de veludo na sua immobilidade de adorno. Magdalena dorme.

O sussurrar brando da sua respiração como o ciciar da briza da tarde numa rua plantada de acacias, quebra em modulações melancolicas a tranquillidade do quarto. Aproximemo-nos sem a accordar.

O receio põe estalidos seccos nos moveis a que me encosto, e o macio do tapete parece encobrir um abysmo, que de repente, se me abrirá aos pés; e todos os effeitos nervosos deslocam a minha vertical e preciso segurar-me por vezes á extremidade duma folha para não cahir.

Magdalena continua adormecida, e um feixe de luz suave despedaçava-se em phosphorescencias metalicas no louro brilhante dos seus frisados cabellos. A garganta alva como a petala assetinada de branca camelia, espuma-lhe dentre as rendas que a envolvem, emquanto os braços nús se estendem ao longo de do corpo como adormecidas serpentes de arminho. Na sua face quieta, giram a espaços vertigens de globulos ricos, que lhe rasgam na epiderme de jaspe roseas auroras primaveraes.

O seio ondula-lhe numa lentidão compassada e languida, duns desfallecimentos nervosos, e os labios entreabertos deixam a descoberto uma fieira de pequeninos quadrados de neve engastados em purpura.

O seu somno é tranquillo e suave como o somno dessas virgens allemãs dos velhos contos germanicos. A fronte sem rugas parece espalhar a alma em toda a formosa imagem de sua bondade.

Contemplava-a, e não sei porque lembrou-me então essa outra Magdalena biblica, tão formosa, tão arrependida, do seio da qual o pallido Christo da crença fôra arrancar a perola valiosa da regeneração da mulher.

Como ella, a Magdalena lendaria deveria ser assim bella e muito voluptuosa para tentar a cupidez selvagem dos bestiaes judeus.

O quadro ainda assim devia mudar de aspecto. Onde se via um fogão de marmore com relevos de cobre, estava um brazeiro de prata queimando essencias perfumadas, vindas dos confins do Oriente; onde eram espelhos e quadros, esculpturas e flôres, colloque-se tecidos de seda e ouro com grandes figuras irregulares; substitua-se a cassa por pesadas sanefas da Turquia, o ebano do leito por um fofo coxim de seda vermelha, e pela janella entreaberta o fundo triste das palmeiras de Jerusalem a bordarem no azul do ceu os triangulos escuros dos seus ramos, emquanto os limoeiros destacavam os seus perfumes que iam ferir as narinas delicadas da peccadora santa.

Seculos passaram sobre essa mulher de que a religião christã fez o symbolo da contricção, e eu via alli, perto de mim a photographar-se na minha retina impressionada o vulto gentil dessa escolhida do Senhor.

A Magdalena da lenda deveria ter sido como esta Magdalena do positivismo do seculo, que apenas tinha a aureolar-lhe a fronte os raios puros do sol de maio, e por fanal uma cruz de jaspe na estreita rua do cemiterio.

Como a santa a que a tradicção dá uma physionomia doce e irresistivel, tambem esta deixava á contemplação muda toda a bellesa do seu rosto, e os seus cabellos louros deviam ser como aquelles com que a santa enxugou os pês do Redemptor.

Tive então um pensamento estranho, inconcebivel, quasi o producto de uma desorganisação da minha idêa! Desejei que os seculos, que lá vão, volvessem atê ao momento em que a graça divina tocou o coração de Maria Magdalena, para pedir ao Christo piedoso e bom, que salvasse e santificasse tambem a alma daquella creança, adormecida entre as grandesas encantadoras de uma camara de Nana.

Mas . . . os seculos que passam não tornam a voltar, a pobre Magdalena só teve de receber o pequenino bouquet de violetas, que lhe deixei cahir nas ondas das suas rendas, sem a querer accordar para não desmanchar o encanto do quadro.

ALFREDO GALLS.

MORS-AMOR

Esse negro corcel, cujas passadas
Escuto em sonhos, quando a sombra desce
E, passando a galope me apparece
Da noite nas phantasticas estradas,

D'onde vem elle? Que regiões sagradas
E terrivel cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavalleiro de expressão potente
Formidavel, mas placido no porte,
Vestido d'armadura reluzente,

Cavalga a fera estranha e sem temor.
E o corcel negro diz: «Eu sou a Morte!»
Responde o cavalleiro: «Eu sou o Amor!»

ANTHERO DO QUENTAL

Pochades

— GALERIA CONTERRANEA —

II

(C. d'A)

BANQUEIRO. Lida com os algarismos e com a *verve* numa habilidade extrema.

Tem sempre muitas pilherias boas, na prosa, e notas ainda melhores — na burra. Tudo em profusão.

Uma actividade rara, rarissima, até. Só senta-se para escrever, — para sommar, diminuir, multiplicar, dividir... Adora os algarismos!

O andar, rapido que nem todos o acompanham bem; o falar, entretanto, é vinte vezes mais rapido que o passo. Imaginem!

Critica, aprecia, analisa, discute, tudo com graça, com elevação de conceitos, mas tudo ás pressas, numa pressa vertiginosa, delirante...

Na critica é de uma habilidade que assusta. A rir, a brincar, a elogiar, muito amavel, muito correcto—arruma cada alfinetada de doer deveras. Finge, as vezes, umas difficuldades de comprehensão impossiveis, para mais livremente troçar.

Nestas occasiões é terrivel, simplesmente.

A estatura é regular, mas a alma é grande e generosa.

Dá esmolas, protege, anima os bons emprehendimentos,—sempre prompto, expedito, e rapido — sempre!

Todos o estimam, por que elle sabe ser cavalheiro.

E' dotado de um stoicismo admiravel.

Tem soffrido rudes choques no coração, porem reaje com a força poderosa de seu espirito esclarecido.

E, um dito expressivo aqui, uma allusão picante acolá... prosegue sempre, n'aquella sua agilidade incessante, nervosa, unica!— que protesta contra os seus cincoenta já feitos e que causa inveja a muito moço gamenho.

Ultimamente está estudando o desenvolvimento do plano de uma obra monumental, que promette causar revoluções beneficas no mundo dos conhecimentos humanos.

Não entro em pormenores porque é segredo confiado a discretos...

RAPHAEL JUNIOR

Os insectos de um dia

DIZ Aristoteles que na praia Hypanis existem pequenos insectos, que apenas vivem um dia. O que morre as oito horas da manhã morre na juventude, na flor dos annos, e o que succumbe ás cinco da tarde,— na velhice.

Supponhamos que um dos mais robustos desses hypanienses, relativamente a sua especie fosse tão antigo como o tempo. Nasceria ao repontar da aurora e poderia, pela força de sua constituição, manter uma existencia activa durante o numero infinito de segundos, de dez ou dose horas. Durante uma serie tão longa d'instantes, certo teria adquirido uma sabedoria elevada por suas reflexões e por sua experiencia; veria seus iguaes morrerem no correr do dia, como creaturas ditosas, livres do grande numero de incommodos a que está sugeita a velhice. A seus netos poderia contar uma tradicção espantosa das memorias nacionaes. O enxame novel dos seres que haviam de viver uma hora apenas, approximando-se do respeitavel ancião, escutariam attenciosamente seus discursos instructivos.

Tudo o que elle lhes contar pareceri um prodigio a esta geração que tão pouco vive.

O espaço de um dia hade parecer-lhes a duração dos seculos e na sua chronologia o crepusculo chamar-se-a grande era da creação. Calculemos que esse veneravel insecto, esse Nestor de Hypanis, um pouco antes de morrer, e quasi a hora do pôr do sol, reune todos os seus descendentes, amigos e conhecidos, para dar-lhes os seus ultimos conselhos. Chegam de todas as partes, reunem-se debaixo do vasto abrigo de um... cogumelo, e o sabio moribundo dirige-se a elles do seguinte modo:

« — Amigos e compatriotas, presinto que a mais longa vida deve ter um fim. E' chegado o termo da minha existencia. Não lastimo a minha sorte, porque a velhice tornou-se para mim um fardo e aos meus olhos nada existe de novo sobre a terra.

As revoluções, as grandes calamidades que assolaram meu paiz, o grande numero de accidentes a que estamos todos nós sugeitos, as enfermidades que mortificam a nossa especie, as desgraças que pesaram sobre a minha familia, tudo, emfim, que presenciei no decurso de uma longa vida, só me ensinou uma verdade, e é que nenhuma felicidade collocada no que não depende de nós mesmos, pode ser firme, nem duradoura. Um vento rijo fez perecer uma geração inteira; uma

parte consideradavel da nossa mocidade inexperiente foi arrojada nas aguas por inesperada ventania.

Quantos diluvios não nos tem causado uma chuva repentina! Os nossos abrigos mais solidos não podem resistir a uma tempestade de gelo. Qualquer nuvem escura faz tremerem os corações mais corajosos.

Vivo desde os primeiros seculos, conversei com insectos de mais elevado porte, de melhor constituição, e acrescento ainda, mais sabios que os da geração presente. Acreditai nas minhas palavras, peço-vos, quando eu vos assegurar que o sol que agora vemos alem do rio, e que parece estar proximo da terra, eu o vi, outr'ora, fixo no meio do céo e lançar sobre nós, directamente, seus raios.

Antigamente era a terra muito mais illuminada, mais quente a temperatura, e os nossos antepassados sobrios e virtuosos.

Si bem que os meus sentidos estejam fracos, não o está minha memoria; posso afiançar-vos que este astro glorioso tem movimento. Vi quando elle ergueu-se das grimpas d'aquella montanha, e nasci quando elle encetou seu curso immenso. Tem subido, gradualmente, durante muitos seculos, com um calor excessivo e um brilho de que não fazeis idéa e comcerteza não supportarieis. Agora, porem, ao seu declinar, com essa diminuição sensivel do ardor, eu prevejo que a natureza toda vai se acabar e que em menos de uma centena de minutos vai ser este mundo sepulto em feias trevas..

Ai! meus amigos, como outr'ora vivia illudido com a esperança fallaz de habitar sempre este mundo! que magnificencia nas cellulas que eu mesmo construi! que confiança na firmeza de meus membros, na elasticidade de minhas juntas, na velocidade de minhas azas!

Porem, já vivi bastante para a natureza e para a gloria — e nenhum dos que deixo terá a mesma satisfação neste seculo de trevas e decadencia, que vejo começar.

C. M.

Tu e eu

Quando de mim me esqueço te fitando,
Como em noite calmosa
Fugaz clarão o azul illuminando,
Mais bella, mais formosa te tornando,
Brilha em teu rosto—leve cor de rosa.

Porem si, assim te vendo contemplada,
Tu me fitas então . . .
Parecendo-me ver-te magoada,
Minha face se torna descorada,
Todo meu sangue afflue ao coração.

José BRAGA

Secção das senhoras

EM QUE PARAM AS MODAS...

Temos a vista, em primeiro lugar, duas *toilettes* de passeio bem interessante; um costume com palitot curto e outro com o — corpo, vestia — chamado tambem jáqueta russa.

O primeiro vem descripto do seguinte modo:

A saia de fazenda de lan liza, guarnece-se com galões de lan de 3 cent. de largura, cosidos em altura por carreira; a tunica, segura de ambos os lados por meio de grandes botões, levanta-se atraz do quadril e prega-se adiante, na cintura.

A jaqueta, de tecido broqueado, talhar-se-á de modo a completar a elegancia do conjuncto. Este trajo é fechado por meio de colchetes e a algibeira do lado é aberta. Um laço de fita fecha o decote; outro laço, com pontas compridas, é seguro de lado; tem o collarinho direito e reversos sobre as mangas. Deve-se cercar este trajo com um largo galão irmanado, collocado em debrum e pespontado, ou com um pesponto executado a um canto da beira.

No costume com jaqueta russa esta abre sobre uma camisinha de renda franzida com collarinho, sendo que se poderá tambem fazel-a de lan, ou de seda, conforme a estação, ou o clima. Entre nós é claro que deve ser de seda. Ao passo que na França vai se apropinquando o inverno, no Brazil chega o verão, que este anno não promette ser brando, requerendo fazendas leves e vestidos pouco afogados

A camisinha destes *toilettes* fecha por meio de uma tira ou por um ornamento de passamanaria por baixo de uma gola voltada. O cinto arregaçado colchetea-se de lado. A' manga farta e meio cumprida e franzida por baixo do cotovello e ajustada num alto punho irmanada á camisinha.

O lado de traz da saia é plissé e sem guarnição, emquanto que a frente é guarnecida de prégas e com uma renda cosida a plana por cima da bainha de 4 cent. de largura. A frente é cosida a plana no cinto, arrendondada em baixo e arregaçada de ambos os lados; o puff, *plissé* na cintura, levanta-se de um lado por meio de prégas.

A terceira *toilette* que nos agradou bastante foi um corpo com arregaço crusado.

A saia é de seda riscada e plissé na frente, liza e franzida atraz, coberta com uma segunda saia de gaze de seda, levantada de um unico lado. O corpo, decotado atraz, faz-se com a fazenda liza; a hombreira é muito estreita; a frente compõe-se de duas partes plissés em viez e cruzadas em fichú sobre uma camizinha afogada e com mangas compridas sobre um transparente de seda lisa. Um laço de fita com laçadas planas guarnece os hombros; o cinto, de fita, fecha de lado no talhe por meio de um laço com laçadas compridas.

Este feitio de corpo convem muitos ás pessoas delgadas.

Vê-se que todas as *toilettes* modernas que nos vêm de Paris, são claramente de conformidade com o inverno que alli vai começando.

Ha sempre essa desvantagem das modas no Brazil.

Não têm nunca certa relação com as nossas estações, porque recebemos aqui jornaes da Europa, trazendo os trajos sempre de accordo com a temperatura contraria a que desfructamos na occasião.

A' intelligencia das modistas e das senhoras de bom gosto compete fazer as modificações necessarias, amoldando as fazendas e o feitio ás condições climatologicas do nosso paiz.

Assim é que vemos agora na *Estação* e no *Salon de la mode* vestidos de corpo afogado e de fazendas de lan, quando o estio que se approxima já vai exigindo fazendas leves e corpos de vestido menos fechados.

Emfim, como o gosto das nossas conterranaes é uma cousa incontestada e incontestavel, damos a integra das descripções dos jornaes estrangeiros, na certeza de que ellas saberão arranjar-se de modo a conciliarem as cousas satisfactoriamente.

Sobre a meza

A *Distracção*. Semanario humoristico e satyrico, que se publica na côrte. Tem por divisa — *Utile dulci* — e poucos sabem honrar tãobem o importante lemma como o illustre collega.

Traz espirituosas gravuras, expressivas, lindas, finissimas, e o texto muito variado, cheio de anedoctas, contos, variações de rabeca, cogitações . . . um jornal *à la diable*, que distrae, que deixa a vida ir

« De cabo a cabo
A rir! a rir! »

E amavel. Sobretudo — amavel.

Revista Illustrada. Pela primeira vez o n. 418.

O lapis temivel de Angelo Agostini já tem merecido bastante para não dispensar perfeitamente todos

os *clichés* de que pudessemos dispor, e que de nenhum modo exprimiriam o nosso applauso de sinceros apreciadores.

Aos dignos collegas — todos os agradecimentos.

Musas risonhas

Conselho

Quando algum desses escrevinhadores,
Que pulelam na imprensa, infelizmente
Na honra acaso te ferrar o dente,
Ou de ti ou dos teus dizendo horrores,

Errado vaes se por ventura fores
Chamar a juizo o ignobil maldizente,
Porque uma cesta de ferros incontinente
Comprado tomará por elle as dôres.

Dá-lhe, dá-lhe a valer!... fal-o n'um trapo!
Por cada embuste arranca-lhe tres urros!
Mata o ladrão como se mata um sapo!

Convence-te, leitor, para estes burros
Argumento não ha como um sopapo,
Nem resposta melhor que um par de murros.

ARTHUR AZEVEDO

Morte ao tempo

As decifrações do numero passado são:

Do logogrypho — *Bibliotheca* — Das charadas: Em triangulo

R o s a l i n a
O p i p a r o
S i n e t a
A p e i a
L a t a
I r a
N o
A

TELEGRAPHICAS

Natação — Capa — Coração.

(EM QUADRO)

O L G A
L E A L
G A T O
A L O A'

NOVISSIMAS

Cantochão — Sapia — Balata.

Decifraram-n'as: o Sr. Custodio Guedes e o *Club das Perspicazes*. Coube o premio ao Sr. Guedes por vir mais depressa.

Foi o Bargossi desta vez!

O sr. Coronel Barbosa d'Andrade só não poude decifrar a em triangulo, por modestia, com certeza.

Para premio de hoje temos: « Madreporas » de Augusto Zamith — Um premio chic!

Trabalhem.

EM ZIG-ZAG

Nestas charadas as decifrações consistem em encontrar tres palavras correspondentes a tres conceitos, sendo a 1ª e 3ª de quatro syllabas e a 2ª de duas.

Estas duas devem ser a 2ª e 4ª da primeira palavra e 1ª e 3ª da terceira palavra.

Um exemplo. Supponhamos que a charada é a seguinte:

E' muito rica	4
Esta cidade	2
Da America	4

Forma-se a seguinte figura

Primeira palavra — America
Segunda — Meca
Terceira — mexicano

Agora para experimentar:

Sigo voando —	4
Nos pés dos homens —	2
Desfeiteando —	4

X.

TELEGRAPHICAS

Pedra de leite	2
Pitanga é pedra?	3
Capivara é ave?	4

FUGA DE CONSOANTES

o—e—i— —a,—o—e—i— —a,
u e— —o—a— —o a—ai— —a
u e— —o— —o—a—e—i—;
u—a—a— —o—o— —e a—o—e—
a—oi—a,—e— —e— —o a— — —o—e
u e—o— —e— —o—e u—a— —i—

Collocadas as consoantes—que faltam nos logares indicados pelas riscas, a questão acima deve dar uma sextilha de Casimiro de Abreu.

LOGOGRYPHO

A mulher	8—11—10
no céo	7— 5—10
O homem	6— 9 — 2
na terra	9— 6—10
O animal	5— 2— 8
na serra	10— 5—10
A ave	8— 5—12
no ninho	2— 1— 2
Para todos:	7—12— 6
—O fructo	4— 1—10

CONCEITO

Mudo constantemente
E consumo muita gente

NOVISSIMAS

Todos têm parente no mar. 2—1
Em toda a parte-no ovo e nos olhos-1-2
Na igreja o homem é fructo—2—1
E no mais........ mais nada.

TONG KONG SING.

CORRESPONDENCIA

SR. FRANCISCO LINS—(Ouro-Preto)
Agradecemos-lhe a amabilidade das [illegible] que dirigiu a O Domingo, e muita vontade tinhamos de demonstrar-lhe nossa gratidão publicando o soneto, que nos enviou.

Infelizmente, porém, ha motivos que nos impedem a satisfação desse desejo. O 3º. verso:—*Transforma em paraiso, ave doirada*, começa por um defeito indesculpavel, pois o verbo—*transforma*—está em completa desharmonia com o sujeito— *brilhos*— do verso antecedente.

Aquelle *chão que nunca vio as lindas faces puras e CHAMEJANTES da aurora* é um pobre coitado que ainda não vio o que é bom.

Quanto a seu livro, cujo nome calamos por discrição, nós o esperamos com anciedade.

SR. V. B. DE REZENDE (S. Paulo)
Recebemos o *Spleen*. Um soneto cheio de novidades, realmente.

Não podemos deixar de exarar

aqui mesmo o terceto final. Está estupefaciente:

Só então serei feliz; passaros de mil cores as regatas que correm, arbustos e flores entoando em chôros, meu hymno tumular.

O Sr. já arranjou um maestro para reger essa orchestra? Seria prudente ir prevenindo em tempo...

Sr. Raul de Nancy.—O Sr. é modesto, espirituoso e intelligente.

Seu conto está bem interessante e não vinha «romper a secção das cousas ruins» n'*O Domingo*, creia. Sentimos até não poder publical-o. E não o fazemos, porque o *Thesouro do diabo* é enorme para o formato da nossa folha. Para ir publicando-o aos pedaços, era roubar-lhe o interesse.

Mande-nos cousa menor e teremos prazer em hospedal-o. Mas... desfivele esse falso *corsage* de *Raul de Nancy*, improprio de quem, como o Sr., está se vendo que pode apparecer de viseira erguida, Sim?

Salvação!

—Mas, isto é devéras?

—Affirmo-lhe, sob palavra.

—Tinhas em casa uma enfermaria, pelos modos...

—Verdadeira enfermaria. Nicota com os seus velhos janeiros obteve tambem alguns achaques novos. Estava n'aquella occasião prostrada. Bellinha, depois que o noivo morreu cinco dias antes do casorio, anda que é uma cousa por ahi alem... Não come, a pobresinha! Vive a chorar, definhando a olhos vistos, entregue ao desalento, ao meditar continuado dos corações sem esperança...

—Mas, então, morreu-lhe o noivo?

—Com 21 annos, coitado. Formava-se em Dezembro proximo, em Direito. Amavam-se loucamente e tanto bastou para que eu aquiescesse no desejo de ambos. Sorria a pobre creança muito satisfeita, nadando em jubilos, expansiva... Podera! A realisação do seu sonho doirado... Pois, meu amigo, pareceu um castigo! Agora, 4 mezes antes de unirem-se, morre o noivo moço de talento, que seria uma gloria do paiz...Como a dizendo, a Bellinha estava assim. Os dous pequenos com coqueluche, o Tenorio com febres intermittentes, e eu com um formidoloso reumathismo. Vendo as cousas neste pé, imagina como podia andar-me esta cabeça e não me occorria um meio de ter mão àquella serie de contrariedades e tristezas, que me desorientavam.

—E os medicos, que fizeram?

—O Antonio Bastos esse grande talento que sempre me valeu.. a fazenda noi-o rouba a maior parte do tempo, o ingrato! Por felicidade encontrei o dr. Babo, um guapo caçador, mais amigo de Nemrod que de Hyppocrates, mas tambem adiantado, pratico. Começou a receitar, mandava as receitas no arraial, porque demoraria muito se viessem à cidade.

—E tudo melhorou d' ahi por diante?..

—Qual! Os doentes iam peiorando, a proporção que tomavam as taes tisanas...

—Mas então?

—Ah! felizmente appareceu-me a Providencia...

—A Providencia!

—Sim, na pessoa do meu amigo Viegas, que me aconselhou mandasse buscar as drogas em quantidade maior e aviasse em casa, com o auxilio do medico, as receitas. Foi o que fiz.

—E compraste?

—Tudo. E por um preço baratissimo; drogas de primeira qualidade, fresquinhas, magnificas! O Babo exultou. Vio os remedios fazerem o effeito desejado. Nicota deu que fazer à lingua.

Bellinha alegrou-se, reanimou-se, como passarinho ao romper do sol... Os meninos, todos ficaram duros, fortes, sadios!

—E tudo graças...

—Graças a Deus, ao Babo, ao Viegas e, sobretudo, à...advinha a quem!—à drogaria dos Srs. Pedro Moreira & C.—Drogaria bem montada onde ha remedios que dão vida a um morto, e onde encontrei a *Salvação* da minha familia.

—Que pena...

—Que pena, dises tu?

—Sim, que pena!.. Tenho minha sogra doente, ella quer as drogas do Pedro Moreira...e a tua informação desespera-me!

DR. RÉCLAME.

ANNUNCIOS

O DOMINGO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Propriedade e Redacção de Jorge Rodrigues e José Braga

Preço da assignatura:

Para a cidade--6$ por anno; 3$--- por semestre.
Para fóra só se acceitam assignaturas por anno--6$.
Numero avulso 200 reis.

A typographia d'O DOMINGO, dispondo de um material novo e escolhido propõe-se a fazer qualquer trabalho avulso com promptidão, nitidez e modicidade de preços.

Escriptorio, administração e officinas

54-RUA DO DUQUE DE CAXIAS-54